

**Zaira Regina Zafalon
Martha Suzana Cabral Nunes
Márcia Ivo Braz
Alessandra dos Santos Araújo**
Organizadoras

**PERCURSOS DE PESQUISA
EM CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO**

**mediação da informação e
gestão do conhecimento**

Zaira Regina Zafalon
Martha Suzana Cabral Nunes
Márcia Ivo Braz
Alessandra dos Santos Araújo
(Organizadoras)

**PERCURSOS DE PESQUISA EM
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**
**mediação da informação e gestão do
conhecimento**

São Paulo
Abecin Editora
2021

©2021 by Zaira Regina Zafalon, Martha Suzana Cabral Nunes, Márcia Ivo Braz e
Alessandra dos Santos Araújo (organizadoras)
Direitos desta edição reservados à ABECIN Editora

ESSA OBRA É LICENCIADA POR UMA
LICENÇA CREATIVE COMMONS



Atribuição – Uso Não Comercial – Compartilhamento pela mesma licença 3.0

É permitido copiar, distribuir, exibir, executar a obra e criar obras derivadas desde que sem fins comerciais e que seja dado o crédito apropriado aos autores e compartilhada sob a mesma licença do original.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

P429 Percursos de pesquisa em Ciência da Informação : mediação da informação e gestão do conhecimento / Zaira Regina Zafalon, Martha Suzana Cabral Nunes, Márcia Ivo Braz e Alessandra dos Santos Araújo (org.). – São Paulo: Abecin Editora, 2021. 258 p.

e-ISBN: 978-65-86228-06-9.

Inclui referências.

Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/editora>.

1. Ciência da Informação. 2. Mediação da informação. 3. Gestão do conhecimento. I. Zafalon, Zaira Regina, org. II. Nunes, Martha Suzana Cabral, org. III. Braz, Márcia Ivo, org. IV. Araújo, Alessandra dos Santos, org.

CDU: 02(05)

CDD: 020

Ficha catalográfica: Melissa dos Santos Araújo – CRB-1 3426/DF.

COMISSÃO EDITORIAL E CIENTÍFICA

Editor-chefe: Zaira Regina Zafalon (UFSCar)

Aldinar Martins Bottentuit (UFMA)	José Antonio Frías (USAL, Espanha)
Alessandra dos Santos Araújo (UFS)	José Antonio Moreira González (UC3M, Espanha)
Andréa Pereira dos Santos (UFG)	Manuela Moro Cabero (USAL, Espanha)
Aurora Cuevas-Cerveró (UCM, Espanha)	Márcia Ivo Braz (UFPE)
Célia Regina Simonetti Barbalho (UFAM)	Márcio Bezerra da Silva (UNB)
Danielly Oliveira Inomata (UFAM)	Marta Lígia Pomim Valentim (UNESP)
Dunia Llanes Padrón (UH, Cuba)	Martha Suzana Cabral Nunes (UFS)
Franciele Marques Redigolo (UFPA)	Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)
Helen Beatriz Frota Rozados (UFRGS)	Naira Christofolletti Silveira (UNIRIO)
Henriette Ferreira Gomes (UFBA)	Paulina Szafran (UDELAR, Uruguai)
Ieda Pelógia Martins Damian (USP)	Samile Andréa de Souza Vanz (UFRGS)
Isidoro Gil Leiva (UM, Espanha)	Valéria Martin Valls (FESP/SP)
Ivana Lins (UFBA)	

Normalização: Autores

Diagramação, Editoração, Revisão e Capa: Zaira Regina Zafalon

O conteúdo dos capítulos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores e não representam necessariamente a posição oficial da Editora Abecin. Os originais foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros da Comissão Editorial e Científica desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

CAPÍTULO 11

OS CLÁSSICOS NAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS DE PORTO ALEGRE, RS

Wagner Bernardes Zimmermann

Martha E. K. Kling Bonotto

1 INTRODUÇÃO

A biblioteca pública, como instituição que deve fomentar o lazer e a educação para a população, bem como aproximar os indivíduos do patrimônio cultural da humanidade, é responsável por divulgar e possibilitar o contato dos seus usuários com os textos literários produzidos pelo homem. Mas será que essa missão é cumprida?

Para contribuir para a resposta, tomou-se a decisão de investigar se algumas dessas instituições, as bibliotecas públicas sediadas em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, estão promovendo de alguma forma os clássicos. Como tais textos são difundidos, se é que são, o porquê de serem ou não serem alvo de ações culturais, e como os bibliotecários dessas instituições se relacionam com tais obras são questões que a presente pesquisa pretendeu responder, traçando um paralelo entre as atividades realizadas pelas bibliotecas públicas e o ponto de vista dos bibliotecários a respeito dos clássicos.

2 ALGUMAS DEFINIÇÕES NECESSÁRIAS

Antes de prosseguir com o estudo, foi necessário definir alguns conceitos importantes: o que é literatura, o que são os

clássicos e o que são bibliotecas públicas. Nesta seção, falaremos um pouco mais sobre cada um desses conceitos.

2.1 O que é literatura

Uma definição sucinta e completa foi proposta por Salvatore D’Onofrio: “A literatura é uma forma de conhecimento da realidade que se serve da ficção e tem como meio de expressão a linguagem artisticamente elaborada.” (D’ONOFRIO, 2002, p. 9). Assim, servindo-se da ficção como forma de conhecimento e buscando imitar as verdades do mundo para transmiti-las aos homens, a literatura necessita de uma linguagem que crie um mundo próprio ao mesmo tempo em que comunique um conhecimento extremamente difícil de ser capturado e propagado. Dessa forma, é natural que a linguagem empregada seja simbólica e não a linguagem utilizada no dia a dia.

Nesse contexto, a ficcionalidade, que também é um fruto da utilização máxima das potencialidades da linguagem, é importante porque permite que se acesse um tipo de conhecimento diferente daquele que pode ser acessado pela filosofia ou pela ciência natural, conforme mencionado por D’Onofrio (2002) na sua definição de literário. Segundo Todorov (2010), a literatura proporciona um saber diferente das demais disciplinas do conhecimento por permitir que o leitor chegue à realidade das coisas por meio de uma experiência particular. Em outras palavras, só a literatura permite que o indivíduo sinta, por exemplo, o que é estar na guerra, e compreenda todas as emoções e problemas humanos (medos, paixões, vontades) envolvidas neste tipo de situação extrema.

A literatura, portanto, é uma forma de arte que possui como característica a utilização especial da linguagem humana

como o meio de criação dos seus produtos culturais, visando proporcionar uma forma de conhecimento da realidade que difere dos outros saberes humanos.

2.2 O que são os clássicos e por que os ler

Partindo dos estudos de Calvino (1993), Bloom (1995, 2001, 2003), Todorov (2010) e outros teóricos indicados a seguir, propomos as seguintes definições para os clássicos. São obras que:

- a) resistiram ao teste do tempo e continuam sendo lidas;
- b) podem, contudo, ser obras atuais que têm sua qualidade reconhecida pelo meio literário – professores universitários, críticos e leitores;
- c) são obras que não se esgotam em uma leitura e que a cada leitura revelam-se como livros inteiramente novos (ADLER; VAN DOREN, 2011);
- d) são textos que analisam com acuidade e nos permitem vivenciar intensamente determinados momentos da história (SCHWARTZ, 2012);
- e) são obras que exploram ao máximo as possibilidades do idioma e se tornam modelo de expressão escrita da língua em que foram compostos (ECO, 2003);
- f) são textos que influenciaram decisivamente a cultura ocidental como um todo, e não somente as artes (CALVINO, 1993);
- g) são obras que tecem um comentário original sobre determinado comportamento humano e se tornam referência sobre o mesmo (SAINTE-BEUVE, 2001);
- h) a partir desse comentário, nos permitem entender melhor a nós mesmos e aos outros (MACHADO, 2002);
- i) tornam-se a melhor companhia para a solidão natural do

homem, possibilitando o encontro com personagens inesgotáveis e com interpretações do mundo fascinantes (BLOOM, 2001);

j) permitem-nos vivenciar da forma mais intensa experiências diversas das nossas, o que nos proporciona uma compreensão maior do ser humano (TODOROV, 2010);

k) os clássicos são textos que desafiam o leitor, seja por meio da forma, do conteúdo ou de ambos; essa dificuldade, contudo, é recompensadora, pois a beleza da obra – a forma como a linguagem se articula com o conteúdo para expressar uma visão de mundo singular e cativante – faz com que transcendamos a nossa existência prosaica (BARTHES, 2008; BLOOM, 2001).

Concordamos inteiramente com Calvino (1993), quando afirma que o clássico só cumpre as suas funções quando encontra um leitor interessado, que o leia com vontade e amor, e que é papel da escola (e por extensão por nós proposta, das bibliotecas) divulgá-los, para que o aluno possa ter oportunidades de encontrar os seus livros dentre aqueles que lhe foram oferecidos.

2.3 Bibliotecas e bibliotecas públicas

Para o presente estudo, será utilizada a definição de Vieira (2014), que afirma que a biblioteca pode ser considerada como “[...] uma coleção de livros e outros suportes informacionais organizados de forma que atendam às necessidades informacionais de seus usuários.”. (VIEIRA, 2014, p. 3).

Com relação ao conceito de biblioteca pública, Suaiden (1995) e Stumpf (1988) endossam a definição de tal instituição como a biblioteca que é mantida pelo governo e visa atender a todos os membros da sociedade, diferente dos outros tipos de biblioteca que possuem um grupo definido de usuários e estão ligados a uma instituição mantenedora - como, por exemplo, as

bibliotecas universitárias.

Por sua vez, Almeida Junior (1997) considera que a biblioteca pública assumiu ao longo de sua história quatro funções: a educativa, a cultural, de lazer e a função informativa. Documentos como o Manifesto da IFLA/UNESCO sobre as bibliotecas públicas (INTERNATIONAL...,1994) e os princípios e diretrizes para as bibliotecas públicas elaborados pela Fundação Biblioteca Nacional (2000), também apresentam essas funções.

Com base nesses documentos, pode-se afirmar que a função educativa está relacionada principalmente ao reforço da educação formal, à educação continuada e a campanhas de erradicação do analfabetismo. A função cultural se relaciona com o acesso ao patrimônio cultural e artístico da humanidade, seja por meio do contato do usuário com o acervo, seja pela promoção de atividades culturais que envolvam a participação da comunidade. A função de lazer ou recreativa por muito tempo esteve ligada à promoção do entretenimento por meio da leitura, embora possa estar relacionada a qualquer atividade que a biblioteca promova e que envolva a recreação de seus usuários. Por fim, a função informativa se configura como a promoção de informações indispensáveis para o exercício da cidadania, tais como a indicação de empregos, localização de órgãos do governo, ou a disponibilização de informações sobre quais os documentos necessários para a realização de um determinado procedimento (aposentadoria, vacinação, dentre outros) (ALMEIDA JÚNIOR, 1997).

As funções citadas podem ser relacionadas aos clássicos se levarmos em conta o que apresentamos na seção anterior sobre a sua importância. Para a função educacional, os clássicos têm relevância na medida em que são textos que proporcionam uma

análise histórica e social da sociedade que descrevem, podendo, portanto, ser utilizados para a pesquisa escolar; quanto à função de lazer, os clássicos também têm um papel destacado nesse âmbito, já que a grande literatura tem a capacidade de propiciar uma imersão profunda por parte do leitor na realidade que descreve, semelhante ao que o melhor cinema ou os melhores jogos eletrônicos podem realizar; enquanto monumentos culturais que são, os clássicos também estão intrinsecamente relacionados à função cultural da biblioteca, dentro de sua missão de difundir a cultura de uma nação.

No contexto da difusão cultural, e para trazer o usuário para o ambiente da unidade de informação, muitas bibliotecas passaram a realizar o que se convencionou chamar de ação cultural. Especificamente em relação à cultura, as ações recomendadas pela Fundação Biblioteca Nacional são as seguintes: “Conferências, debates, exposições (locais, itinerantes de outras entidades, retratando a herança cultural da comunidade), feiras culturais, maratonas culturais, mesas redondas, varal cultural.” (FUNDAÇÃO..., 2000, p. 101).

Todas essas atividades (e muitas outras) podem ser utilizadas para a divulgação do cânone literário, porém é necessário que o bibliotecário saiba como executá-las de forma a chamar a atenção do usuário e engajá-lo na leitura e nas discussões das obras.

3 METODOLOGIA

A pesquisa realizada foi exploratória e qualitativa, em que se buscou, por meio de um estudo de caso, diagnosticar o tratamento dado aos clássicos pelas bibliotecas públicas de Porto

Alegre e traçar um paralelo entre as ações dessas bibliotecas e o ponto de vista pessoal do bibliotecário a respeito das grandes obras literárias.

Os métodos de coletas de dados foram dois: entrevista e observação. O roteiro para a entrevista continha questões relativas aos seguintes tópicos: existência ou não de atividades desenvolvidas pela biblioteca em relação aos clássicos; o porquê de serem ou não serem realizadas essas atividades; em caso de resposta positiva, qual a frequência de realização dessas ações e qual o retorno do público percebido pela biblioteca (se há instrumentos para registrar as opiniões dos usuários, qual a média das opiniões, etc.). Também se indagou, conforme dissemos anteriormente, a relação do responsável pelas bibliotecas com os textos clássicos.

A técnica de observação foi utilizada para complementar as informações recolhidas nas entrevistas, verificando como se dá a divulgação do cânone no espaço físico e no ambiente virtual das bibliotecas. A observação do espaço físico foi feita no dia das entrevistas. Quanto ao espaço virtual, durante o período de um mês verificou-se diariamente a existência de qualquer menção aos clássicos nos perfis das redes sociais e também no *site* oficial e blogs das instituições, por meio de um roteiro para a observação.

4 O QUE FOI OBSERVADO APÓS ANÁLISE DOS DADOS

Com base nos dados coletados, podemos afirmar que o tratamento dispensado aos clássicos pelas bibliotecas públicas de Porto Alegre é muito limitado. Abaixo, resumimos a situação dessas unidades de informação. Assim, temos o seguinte quadro:

- Apenas quatro das oito bibliotecas realizam algum tipo de ação cultural que envolva o cânone; muitas dessas atividades não são dedicadas exclusivamente aos grandes textos, incluindo também outros tipos de literatura;

- Uma dessas quatro unidades de informação é especializada em literatura; porém, só efetua ações culturais se forem propostas externas;

- Os clássicos recebem o tratamento que lhes é dispensado principalmente devido à falta de investimento do Governo do Estado do Rio Grande, pois sete das oito bibliotecas são mantidas pela administração estadual. Essa negligência leva à falta de recursos humanos necessários para a realização de atividades culturais; à ausência de espaço físico adequado para abrigar eventos; e à inexistência de recursos financeiros para arcar com as despesas necessárias à realização de ações;

- O investimento quase nulo em cultura por parte do Governo Estadual se reflete não só no baixíssimo número de funcionários atuando na maioria das bibliotecas, mas também na falta de qualificação desses profissionais para exercerem as funções as quais foram designados. Apenas metade das bibliotecas analisadas possuíam bibliotecários;

- Embora os cursos superiores de Biblioteconomia venham não dando a devida importância aos aspectos culturais da profissão, as graduações ainda fornecem um padrão mínimo de atuação profissional – que, no caso das bibliotecas públicas, inclui a necessidade de se realizar ações culturais para divulgar a literatura. Não é surpresa, portanto, que justamente as bibliotecas que possuíam bibliotecários foram aquelas que realizaram atividades que envolviam os clássicos;

- O tratamento dispensado aos clássicos é limitado também devido à pouca divulgação dos clássicos nos ambientes

virtuais e nos espaços físicos das bibliotecas. Ambos são pouco aproveitados pelas unidades de informação, sendo utilizados basicamente para a divulgação de ações culturais – as quais podem ou não envolver o cânone;

- A falta de atitude dos gestores é visível ainda na falta de iniciativas para a realização de ações culturais. Mesmo com a falta de recursos provenientes do Governo Estadual, poderiam ser propostas ações alternativas para a falta de verbas. Para minimizar a situação crítica encontrada nas bibliotecas públicas, os gestores poderiam informá-la aos palestrantes, alertando-os da impossibilidade de pagamento de cachês para palestras e mediações de leitura. Tal atitude poderia sensibilizar escritores, jornalistas e professores para realizarem gratuitamente alguma ação cultural nas unidades de informação;

- A falta de iniciativa decorre também da falta de leitura e do conhecimento do potencial dos clássicos. O relacionamento dos responsáveis pelas bibliotecas com o cânone é distante; muitos não têm o hábito de ler essas obras, principalmente as mais antigas, preferindo a literatura mais comercial, os best-sellers;

Como não leem as grandes obras, e parecem desconhecer a teoria da literatura, é natural que suas definições do cânone fossem limitadas, não contemplando vários conceitos trabalhados em nosso referencial teórico. O mínimo esperado seria que os cursos de Biblioteconomia e o Estado suprissem as lacunas de conhecimento sobre literatura que os gestores das bibliotecas públicas, em sua maioria, demonstraram possuir. Contudo, os profissionais devem buscar por si mesmos cursos, palestras, seminários, bibliografias, dentre outros, que possam ajudá-los a suprir essa lacuna. Mais importante do que isso,

porém, é ter a iniciativa de ler o maior número possível de clássicos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante lembrar que, conforme já mencionamos neste trabalho, as bibliotecas públicas, aliadas às escolas públicas, são, em muitos casos, fontes indispensáveis para que a população tenha acesso ao lazer, à cultura, à educação e à informação de forma gratuita. Se os clássicos morrem nas prateleiras, se não são alvo de uma divulgação específica nessas unidades de informação, é muito provável que a maioria das pessoas não venha a conhecê-los e a desfrutar de todo o prazer e instrução que podem proporcionar. Dessa forma, tais instituições acabam por não cumprir totalmente o seu papel, pois deixam de lado um patrimônio cultural inestimável, o qual pode ser de grande auxílio para que cumpram sua missão junto ao público.

A presente pesquisa não só forneceu um diagnóstico da situação atual de divulgação dos clássicos nas bibliotecas públicas de Porto Alegre, mas também, com seu referencial teórico, definiu e defendeu a utilidade do cânone e a sua relação com esse tipo de biblioteca. Esperamos que esse esforço possa ser uma contribuição para aqueles que demonstraram desconhecer a teoria da literatura, os clássicos, e, no entanto, são responsáveis por divulgá-los: os responsáveis pelas unidades de informação.

Esperamos ainda que os pesquisadores da Ciência da Informação voltem sua atenção para os temas que desenvolvemos neste trabalho e que são alvo de um número pequeno de estudos (Bibliotecas públicas, ação cultural, clássicos da literatura e sua relação com esse tipo de unidade de

informação), principalmente se levarmos em conta a sua importância para a Biblioteconomia.

Com um maior número de artigos, teses e grupos de discussão sobre esses temas, é provável que os bibliotecários, principalmente as gerações futuras, percebam a importância do debate que propomos, e possam ter uma postura mais ativa nas bibliotecas públicas, inclusive questionando as estruturas precárias que possuem e as atividades que poderiam ser desenvolvidas e não são.

Somado a isso, há ainda a pressão que todos, e não somente os órgãos relacionados à Biblioteconomia, devem fazer sobre o Governo do Estado para que contrate mais profissionais qualificados e forneça mais recursos para que as bibliotecas públicas possam se encontrar em uma situação bem menos precária.

REFERÊNCIAS

ADLER, Mortimer; VAN DOREN, Charles. *Como ler livros: o guia clássico do leitor inteligente*. São Paulo: É Realizações, 2011.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. *Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas*. Londrina: UEL, 1997

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BLOOM, Harold. *Gênio: os 100 autores mais criativos da história*

da literatura. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos?* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura ocidental: autores e obras fundamentais*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

ECO, Umberto. *Sobre a literatura*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Biblioteca pública: princípios e diretrizes*. Rio de Janeiro, 2000.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS; UNESCO. *Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas*. 1994.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

SAINTE-BEUVE, Charles Augustin. *What is a classic?* 2001.
Disponível em: <http://www.bartleby.com/32/202.html>. Acesso em: 11 mar. 2015.

SCHWARTZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

STUMPF, Ida Regina Chittó. Estudo de comunidades visando à criação de bibliotecas. *Revista de Biblioteconomia e Comunicação*, Porto Alegre, v. 3, p. 17-24, jan./dez. 1988.

SUAIDEN, Emir. *Biblioteca pública e informação à comunidade*. São Paulo: Global, 1995.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

VIEIRA, Ronaldo. *Introdução à teoria geral da biblioteconomia*. Rio de Janeiro: Interciência, 2014.